

TRANSHUMANISMO E JARDIM

TRANSHUMANISM AND GARDEN

*Keoma Ferreira Antonio*¹

Resumo: Pretendemos, neste artigo, estabelecer, defronte as proposições centrais do movimento transhumanista – expresso aqui na filosofia de FM-2030 – e o discernimento helenístico de Epicuro, (I) pontos de tangência e (II) fundamentação/corroboração do segundo ao primeiro. A morte, asserta FM-2030, deve ser superada. Tomando esta proposição como ponto arquimediano do pensamento transhumanista, investigamos na sabedoria de Epicuro um possível fortalecimento deste alicerce proposicional no afã de, para além do caráter formal de sua consistência, somar ao movimento contemporâneo o comedimento do hedonismo epicúreo, uma vez que as potencialidades provenientes da tecnociência podem ampliar os efeitos da desmesura humana. Tentamos, portanto, mostrar que um movimento com olhos para o futuro pode ser fortalecido com o mestre Epicuro. Nos focando no transhumanismo de FM-2030 e, em contraste com Epicuro e sua teoria dos desejos, buscamos elucidar que o filósofo legitimaria uma vida longa, uma vez que a longevidade ou mesmo a imortalidade não implicam descomedimento.

Palavras-chave: Transhumanismo. FM-2030. Epicuro.

Abstract: In this paper, we intend to establish, before of the central propositions of the transhumanist movement - expressed here in the FM-2030's thought - and the philosophy of Epicurus, (I) points of connection and (II) foundation/corroboration from the second to the first. Death, asserted FM-2030, must be overcome. Taking this proposition as an archimedean point of transhumanist thought, we investigate in the wisdom of Epicurus a possible strengthening of this propositional foundation. Beyond the formal character of its consistency, we want to confer the temperance of epicurean hedonism to Transhumanism, since the potentialities from technoscience can amplify the effects of human excess. Then, we try to show that this movement with eyes in the future can be strengthened with the master Epicurus. Focusing on the transhumanism of FM-2030, and in contrast to Epicurus and his theory of desires, we sought to elucidate that the philosopher would legitimize a long-lived life since longevity or even the immortality does not imply in overcoming.

Keywords: Transhumanism. FM-2030. Epicurus.

Transhumanismo: Introdução

O Transhumanismo², termo cunhado por Julian Huxley³, é um movimento intelectual e cultural que traduz um Neo-Humanismo, na medida em que retoma seus

¹ Doutorando em filosofia pela UFRN. E-mail: keomaferreira1@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4345-4507>.

² No Google Acadêmico pudemos encontrar “aproximadamente 320 resultados” para a busca ‘transumanismo’ e “aproximadamente 509 resultados” para ‘transhumanismo’. Ambas as ocorrências são traduções do Inglês ‘*Transhumanism*’, e nenhuma delas pode ser encontrada nos dicionários de Língua Portuguesa (busca feita em 11/04/2020). Os termos não são, segundo nosso julgamento, intercambiáveis.

fundamentos e se propõe superar seu antecessor, metamorfoseando diametralmente a condição humana, a estrutura biológica humana, no intuito de aprimorá-las. Sua fundamentação se situa não mais na razão por ela mesma, como ocorre no Humanismo, mas no avanço Tecnocientífico. Como bem coloca Hottois,

[...] o Transhumanismo não pode ser reduzido ao evolucionismo; deve integrar pelo menos alguns dos valores suportados pelas tradições seculares religiosas, filosóficas e humanistas. A necessidade de uma articulação sinérgica entre o paradigma evolutivo tecnocientífico materialista e a preocupação ético-político-social herdada e suportada pelas tradições é legível em alguns relatórios europeus (em particular *Human Enhancement*, em 2009) (...). O transhumanismo bem compreendido é um Humanismo progressista capaz de integrar teórica e praticamente as revoluções tecnocientíficas. Ele recupera o significado e a esperança em uma pós-modernidade instável, ou nostálgico do passado pré-moderno. (2013, p. 165-166, tradução nossa)⁴

A proposição de Hottois, “o Transhumanismo é um Humanismo”, é corroborada por muitos autores, como Ranisch e Sorgner (2014, p. 8), Ferry, (2016, não paginado), Hughes (2004, p.xviii), More (2013, p. 10) e Bostrom (2005, p. 3). O

O primeiro termo, ‘Transumanismo’, parece, ou ao menos pode parecer, ser uma derivação do verbo ‘transumanar’ que, segundo o dicionário de Língua Portuguesa Priberam, significa “dar natureza humana a = humanar, humanizar”. Neste sentido, julgamos que a utilização do termo ‘Transumanismo’ pode ser uma imprecisão conceitual, ou mesmo um equívoco, uma vez que o movimento sobre o qual escrevemos não exprime a ideia de “humanização” e sim da superação do humano. Se trata, com efeito, de um ‘Trans-Humanismo’, razão pela qual preferimos a segunda grafia, ficando mais claro a ideia de ligação com o Humanismo.

³ Biólogo inglês, geralmente menos conhecido que seu irmão Aldous Huxley (e que, contrariamente ao seu irmão Aldous, Julian não concebe o mundo futuro distopicamente) afirma em sua obra *New bottles for new wine* que, se o perguntassem acerca de quais foram os desenvolvimentos mais notáveis do século XXI, embora a “maioria das pessoas diria que foi o automóvel e o avião, ou o cinema, o rádio e a televisão, ou a libertação da energia atômica, ou talvez a penicilina e os antibióticos”, sua resposta seria bem diferente: “O desvelamento do homem do rosto e da figura da realidade de que faz parte, a primeira imagem do destino humano em seus verdadeiros contornos” (1957, p. 11, tradução nossa). Huxley anuncia um Humanismo evolucionário, ou como ele preferia, um Transhumanismo:

“A espécie humana pode, se desejar, transcender a si mesma – não apenas esporadicamente, um indivíduo aqui de uma forma, um indivíduo lá de outra forma – mas em sua totalidade, como humanidade. Precisamos de um nome para esta nova crença. Talvez *Transhumanism* sirva: o homem permanecendo homem, mas transcendendo a si mesmo, realizando novas possibilidades de e para sua natureza humana. “Eu acredito no transhumanismo”: uma vez que haja pessoas suficientes que possam dizer isso verdadeiramente, a espécie humana estará no limiar de um novo tipo de existência, tão diferente da nossa como a nossa é da do homem de Pequim. Finalmente estará conscientemente cumprindo seu destino real”. (HUXLEY, 1957, p. 17, tradução nossa).

⁴ *Le transhumanisme ne peut se réduire à l'évolutionnisme; il doit intégrer au moins certaines des valeurs portées par des traditions religieuses, philosophiques et humanistes laïques. L'exigence d'une articulation synergique entre le paradigme évolutionniste technoscientifique matérialiste et le souci éthico-político-social hérité de et porté par les traditions est lisible dans certains rapports européens (en particulier Human Enhancement de 2009). Par contre, des Rapports américains tels que Converging technologies for improving human performance (2002) et Beyond therapy (2003) sont figés dans leur unilatéralisme respectif et antagoniste.*

movimento é caracterizado pelo imperativo de aprimoramento (*enhancement*) do humano em um amplo aspecto como inteligência, longevidade, capacidades físicas, culminando no ideal do pós-humano, espécie imensamente superior em relação à atual capacidade humana. Ou, como escreve Ferry, o Transhumanismo é “um grande projeto para aprimorar a atual humanidade em todos os níveis, físicos, intelectuais, emocionais e morais, graças ao progresso da ciência e, em particular, à biotecnologia” (2016, não paginado, tradução nossa). Estes horizontes se tornam concebíveis e mesmo muito possíveis em virtude da emergência das ciências demiúrgicas⁵ como a biotecnologia, a nanotecnologia e a inteligência artificial. É possível que as novas tecnologias possam intensificar os problemas de múltiplas naturezas, como a desigualdade. Diante desta possibilidade, uma aparente contradição pode emergir: como pode o Transhumanismo ser capaz de solucionar as mazelas sociais se o movimento se funda no avanço tecnológico, que, por sua vez, pode intensificar estes problemas? O avanço tecnológico não é, em si mesmo, nocivo à organização social. Ele pode o ser defronte a um uso desmesurado, destituído de uma atmosfera ética, jurídica e política que possa frear este uso funesto. O Transhumanismo não é, com efeito, um ultra otimismo em concernência às tecnologias exponenciais, mas sim um Neohumanismo que discute, de maneira filosófica, as possibilidades destas tecnologias ajudarem a erradicar os males humanos e os perigos de seu uso descomedido.

Não obstante o Transhumanismo se trate de um movimento recente, sua difusão se deu amplamente em boa parte do planeta, se expressando hoje como um grande conjunto, onde várias subdivisões e nuances estão inseridas como elementos constitutivos, cada qual com suas especificidades embora salvaguardem pontos de tangência o suficiente para formar um todo (MORE, 2013, p.3). As subdivisões se dão, proeminentemente, em virtude do matiz político que norteia cada submovimento. Os principais são o Extropianismo⁶ (inserido na tradição doneoliberalismo/anarcocapitalismo, fundado por Max More), o Transhumanismo Teorético (fundado por Nick Bostrom, expoente do liberalismo), o UpWingers (fundado por FM-2030⁷ – ou seu antigo nome FereidonEsfandiary –, que expressa uma visão

⁵ ANTONIO, K.F. Transhumanismo e suas oscilações Prometeico-fáusticas: Tecnoapoteose na era da Tecnociência Demiúrgica, PPGFIL/UFRN, 2018.

⁶ ‘Extropianismo’ é a nossa sugestão de tradução para ‘extropianism’, sugestão essa feita inicialmente em Antonio, 2019.

⁷ Conforme elucida Rüdiger, como se pode ler nas obras de FM-2030, “escritos entre 1970 e 1989, a política contemporânea não é para ser mais de esquerda, nem de direita, mas para cima. A concepção filosófica a ser posta em prática é o futurismo. O radicalismo convencional e o conservadorismo

política alternativa a dicotomiadireita versus esquerda) e o Transhumanismo Democrático (fundado por James Hughes, que propõe uma Social-democracia, ou um Techno-progressivismo). Não obstante a diversidade, há pontos invariáveis em todas as vertentes. E a busca pelo fim da morte é, com efeito, um dos alicerces de seus discursos.

FM-2030

O filósofo e futurista belga-iraniano Fereidoun M. Esfandiary (em persa: فریدون اسفندیاری) é um dos grandes nomes do Transhumanismo, responsável por sua disseminação nos anos 1980. Esfandiary modificou seu próprio nome para FM-2030 porquanto de, segundo ele, ser o ano de 2030, além da data de seu centenário, um ano onde haverá uma eclosão tecnológica nunca vista. Ademais, explica ele, os nomes tradicionais evocam o passado, são contaminados pela nacionalidade, etnia, religião, de modo a restringir nossa personalidade: “Quero um nome que defina meu futuro, esperanças e sonhos”⁸. Filho de um diplomata iraniano, FM-2030 viveu em 17 países até os 11 anos de idade e, em virtude disso, desenvolveu fortemente a ideia de cidadania global⁹. Foi um dos primeiros a usar os termos ‘transhumano’ e ‘pós-humano’ em um curso acerca dos impactos da tecnologia nos seres humanos, ocorrido em 1966 na *The New School* em Nova Iorque. Em seu livro *UpWingers: A Futurist Manifesto*, FM-2030 defendeu a ideia de que a evolução da humanidade está acelerando na medida em que a tecnologia avança. Segundo ele, o avanço tecnológico poderá possibilitar a superação da velhice e da morte, a colonização de outros planetas, o aprimoramento genético, a criação de implantes otimizadores de inteligência¹⁰, abrindo o caminho uma cultura mais transparente e participativa, onde as identificações como famílias, tribos, raças, gêneros e estados-nação se dissolveriam progressivamente até nos tornarmos cidadãos do

ideológico devem ser suplantados. Em vez da democracia representativa ou do totalitarismo autoritário, do capitalismo ou do socialismo, do nacionalismo burguês ou internacionalismo comunista, o caminho a seguir é o da democracia direta e descentralizada, ampliada à escala mundial, através da criação de uma cidadania eletrônica e da automatização da vida societária” (2008, p. 149).

⁸Getting Ready: The 1990s, an Interview with Futurist FM-2030 - Pt. 1 (<https://www.youtube.com/watch?v=RrnIV0Pn9Wk>) acessado em 13/04/20.

⁹<http://www.nytimes.com/2000/07/11/us/futurist-known-as-fm-2030-is-dead-at-69.html>. acessado em 20/11/18.

¹⁰Aprimorar a cultura por meio do aprimoramento da inteligência perpassa a instância da moral. Reside aqui o seguinte questionamento: aprimoramento cognitivo implica necessariamente em aprimoramento moral? Há no Transhumanismo uma discussão sobre o aprimoramento moral. Embora não pretendamos abranger esta discussão aqui, é importante mencionar que Thomas Douglas (2008), em grande medida, iniciou essa discussão. Para ele o aprimoramento da moralidade não coincide com o aprimoramento cognitivo, o que não nos parece ser o pressuposto nas palavras de FM-2030. Para uma boa introdução desta discussão, ver Nahra, 2012.

mundo. Segundo FM, a maioria das projeções que fazemos acerca do futuro são nebulosas e pessimistas. Em suas palavras:

Os intelectuais ocidentais em particular, claudicantes pela culpa puritana e pelas dúvidas de si mesmos, inundam o mundo com livros, filmes e cenários que predestinam o futuro. Para eles nossos sucessos e potenciais não são reais. Somente nossos fracassos. Devemos desenvolver uma nova filosofia destemida do futuro. Uma visão de mundo esperançosa que possa encorajar as pessoas a quererem enfrentar o futuro e a quererem planejá-lo. (ESFANDIARY, 1973, p. 3, tradução nossa)¹¹

Como explica FM-2030, outrora, em tempos cujos acontecimentos se davam mais lentamente, orientações longas podem ter sido possíveis, contudo, na fluidez/liquidez de nossos tempos, toda tentativa de estabelecimento de planos e diretrizes no afã de sinalizar, inequivocamente, os passos da humanidade, não podem, sob pena de expiração precoce, ser definitivos, dada a especificidade de nossa época. Por conta disso mesmo, não podemos nem devemos tentar estruturar o futuro por meio de planos elaborados. No seu dizer, “nossos tempos cada vez mais fluidos exigem diretrizes fluidas” (ESFANDIARY, 1973, p. 3). Na obra *Up-Wingers*, suas proposições se restringem à curto e médio prazo, pois, como ele defende, a partir de 2020, a situação humana mudará tão irreconhecivelmente que todo planejamento que tenha pretensão de antever algo após tal data será inútil (ESFANDIARY, 1973, p. 3). Outro importante ponto da obra é, como o título sugere, uma tentativa de estabelecer uma nova ideologia, até então ausente no espectro dicotômico direita/esquerda, o futurismo, ou a política para cima (*Up-Wing*):

Conforme se pode ler em seus livros, escritos entre 1970 e 1989, a política contemporânea não é para ser mais de esquerda, nem de direita, mas para cima. A concepção filosófica a ser posta em prática é o futurismo. O radicalismo convencional e o conservadorismo ideológico devem ser suplantados. Em vez da democracia representativa ou do totalitarismo autoritário, do capitalismo ou do socialismo, do nacionalismo burguês ou internacionalismo comunista, o caminho a seguir é o da democracia direta e descentralizada, ampliada à escala mundial, através da criação de uma cidadania eletrônica e da automatização da vida societária. (RÜDIGER, 2008, p. 150)

¹¹*Western intellectuals in particular, hobbled by puritan guilt and self-doubts, flood the world with books and films and scenarios foredooming the future. To them our successes and potentials are not real. Only our failures. We must develop a bold new philosophy of the future. A hopeful outlook which can embolden people to want to face the future. Towantoplan for it.*

FM é um “defensor de uma tecnocracia benevolente e animada por metas interiores” e acreditava que os “sujeitos desse processo são os cientistas, inventores, técnicos e artistas de vanguarda: são eles os transhumanistas”. Esses movimentos futuristas são os novos propositores de uma revolução profunda em nosso tempo, são aqueles que *atualizarão* nossos anseios tecnológicos no intento de melhorar fundamentalmente a condição humana (RÜDIGER, 2008, p. 150). Outras importantes obras de FM são: *Optimism one: the emerging radicalism* (1970), *Telespheres* (1977) e *Are You a Transhuman? Monitoring and Stimulating Your Personal Rate of Growth in a Rapidly Changing World* (1989). FM morreu em 2000 e está em suspensão criogênica na *Alcor Life Extension Foundation* (SIRIUS, 2015, p. 77).

Em uma palestra (ao qual tivemos somente acesso parcial), FM-2030 salienta que “o futuro não é apenas sobre a genética, o futuro não é apenas sobre redes neurais, o futuro não é apenas sobre processamento paralelo massivo, não é sobre tecnologia fantasiosa, claro, é sobre isso também, mas também é sobre as mudanças de valores”. Ademais, segundo ele, a elucubração futurista tem valor na medida em que busca “um refinamento, uma progressão de nossos valores e processos sociais”, uma vez que, “pode-se ter toda a tecnologia do mundo, mas se os nossos valores são selvagens, se os nossos valores são anacrônicos, se eles são repletos de violência e intolerância e assim por diante, de nada adiantaria a boa e velha fantasia tecnológica”¹².

A morte da morte

A erradicação da morte é a culminância dos anseios transhumanistas. Há muitos pesquisadores que se esforçam na obtenção da retardação do envelhecimento. Não trataremos aqui o estado da arte das pesquisas e descobertas, uma vez que isso descaracterizaria nossa pretensão. Pelo contrário, nos focaremos nos fundamentos do Transhumanismo, isto é, nas razões pelas quais se sustentam a plausibilidade e desejabilidade da busca pela superação da morte, em paralelo ao pensamento de Epicuro. O anacronismo pode ser gritante neste momento, diria de imediato o leitor. Porém, asseguramos que nos esforçaremos em mostrar como o pensamento de Epicuro pode ajudar a fortalecer alguns aspectos da fundamentação do Transhumanismo sem

¹² A catalyst for change, FM-2030. (<https://www.youtube.com/watch?v=P3z5nQEUwgU> , acessado em 20/11/18)

incorrermos em inconsistências. Recorreremos ao pensamento de FM-2030 dada sua extrema relevância para o movimento.

Por volta de 1980, FM-2030 escreveu a obra *Countdown to Imortality*, publicada postumamente em 2011, onde se debruçou sobre o nosso fatalismo diante da morte. Segundo ele, estamos na era da imortalidade. Muitos dos que vivem hoje, poderão estender suas vidas indefinidamente, e segundo ele, progressivamente o ato de morrer ou viver se tornará uma questão de orientação, de escolha. Podemos hoje retardar os processos de envelhecimento por meio de diversos métodos, sobretudo nutricionais¹³ e mesmo aqueles diagnosticados com graves enfermidades, em estados terminais, ou ainda em idade muito avançada, podem ser preservados em centros de criogenia até obtermos tecnologia e conhecimento o suficiente para resgatá-los do congelamento e lhes devolver a juventude e a saúde. Consoante à análise de FM-2030, esta abordagem pode soar nada plausível em virtude da nossa não familiaridade com o desenvolvimento exponencial da tecnologia¹⁴ e como os avanços científicos na farmacologia, na nanotecnologia, na biotecnologia, na medicina, na robótica, na engenharia da computação, na neurociência e muitas outras áreas, sendo a explanação destes avanços e a defesa pelo engajamento nestas descobertas as razões motivadoras para FM-2030 confeccionar a obra em discussão.

Para FM, não encaramos a morte como ela deve ser encarada. Como discorre, “cada morte é o fim de um universo. A maior tragédia diante de cada um de nós é a morte”, uma vez que, “não há tristeza mais universal, angústia mais profunda, separação mais definitiva, horror mais devastador que a morte (...) o fato é que toda humanidade vive em um holocausto perpétuo” (2011, p.11). Nascemos diante de uma luta, crescemos diante de uma luta, conseguimos um emprego frente a uma luta, nos estabilizamos defronte inúmeras adversidades, seja no âmbito pessoal ou público, ético

¹³ Poderíamos dizer que, além de ser o maior expoente do Transhumanismo Singularitarianista, Kurzweil fundou o que podemos chamar de “Transhumanismo da Saúde”. Além de outros pequenos artigos e capítulos, Kurzweil, em coautoria com Terry Grossman, publicou dois livros, cuja complexidade pode impressionar, sobre sugestões alimentares e de atividades físicas que ajudam a prolongar a vida e evitar diversas patologias. O primeiro deles *Fantastic Voyage: How to Benefit from Cutting Edge Science and Add Years to Your Life* de 2005, publicado em português pela Aleph em 2007, com o título *Dieta da Imortalidade: As dietas, os programas e as inovações tecnológicas que prometem revolucionar nosso processo de envelhecimento*. E o mais recente *Nine Steps to Living Well Forever*, publicado em 2009.

FM-2030 não tinha estes conhecimentos em sua época como, por exemplo, do efeito antioxidante do resveratrol, contudo, já concebia que tais descobertas se dariam em pouco tempo.

¹⁴ Após a publicação de *Singularity is Near* de Raymond Kurzweil, poucos ainda abordam a temática do Transhumanismo com desdém ou descrédito. Recomendamos a leitura de nosso livro – *Transhumanismo e suas Oscilações Prometeico-Fáusticas: Tecnoapoteose na era da Tecnociência Demiúrgica* - para compreender como estes processos se dão.

ou político, e, finalmente, quando as coisas parecem estar melhorando, quando poderemos passar a viver a vida por ela mesma, uma vez adquirida as condições materiais para isso – e mesmo condições bucólicas para uma vida feliz, para milhões de pessoas, só se tornam possíveis após décadas de trabalho árduo – quando adquirimos experiência o suficiente para exercer mais satisfatoriamente nosso discernimento, definhamos por uma enfermidade, deterioramos nossa cognição com uma doença de Alzheimer, esquecendo os momentos felizes com amigos e familiares, ou talvez perdendo as funções motoras em virtude de um Mal de Parkinson, ou definhando diante de doenças cardiovasculares, cerebrovasculares, osteoporose ou qualquer outra mazela dentre a vastidão de enfermidades existentes.

Como elucidada FM-2030, todos os medos que perpassam nossa existência são oriundos do medo da morte – e nem precisa ser violenta, como dizia Hobbes – como nos lembram os psicólogos. De quadros psicológicos como neuroses, ansiedade, pânico, a vícios como a covardia envolvem, de modo mais direto ou distante, a ideia da morte e, como destaca o filósofo, esta ideia evoca uma sombra nefasta sobre toda a nossa vida (2011, p. 13). Consideremos a seguinte situação, no intento de compreendermos melhor o posicionamento de FM: um médico informa ao paciente, após um cuidadoso diagnóstico, que, em virtude de uma enfermidade crônica e incurável conhecida por doença de Huntington, sua sobrevivência não ultrapassará muito mais que 17 anos. A cognição, o comportamento, a fala, a função motora, respiratória, todas serão afetadas e degeneradas. Uma vida abreviada e que, progressivamente, se tornará angustiante na medida em que os sintomas surgirem e se intensificarem. A questão a ser feita aqui é: Que vida, a partir deste devastador diagnóstico, este paciente passaria a ter? Mais precavida, mais comedida? Mais intensa, ou hedonista à moda dos cirenaicos? 60% dos pacientes com Huntington são acometidos por transtornos de humor, principalmente a depressão e boa parte comete suicídio¹⁵. Contudo, desconsideremos aqui os efeitos da patologia no que concerne à alteração de humor, suponhamos, portanto, que a doença não tenha tais sintomas. Pensemos, agora, em que possíveis mudanças de vida este paciente teria por conta deste diagnóstico. Numa situação como essa nem mesmo o mais potente discernimento daria conta de proporcionar *ataraxia*, diria FM-2030. Abordemos agora uma outra enfermidade semelhante. Se trata de uma doença congênita degenerativa, progressiva e ainda intratável, afetando todos os órgãos e tecidos. No

¹⁵<https://hospitalsiriolibanes.org.br/hospital/especialidades/nucleo-avancado-dor-disturbios-movimentos/Paginas/doenca-huntington.aspx> (acessado em 13/04/20).

início seus sintomas são sutis, mas progressivamente nos debilita, cognitivamente, fisicamente, assim, paulatinamente o paciente se torna cataléptico, tardo e inescapavelmente pego pela lassidão. Tais sintomas caracterizam a “síndrome da vetustez”, ou o conhecido envelhecimento. Todos nós somos acometidos por esta letal enfermidade. O que fazemos a respeito? Estamos todos conformados com nossa condição, ao contrário do paciente com a doença de Huntington, que por conta de sua enfermidade se dá conta da brevidade da vida, não pela doença ela mesma, mas pelo lembrete que ela imprime. A vida é curta para todos nós, tendo Huntington ou não. Breve e singular. Mas, diferentemente do paciente com Huntington, que foi abalado fortemente pelo diagnóstico, aceitamos com naturalidade a morte, como se houvesse alguma sacralidade no fenecimento.

Como afirma FM, “nós parecemos resignados à inevitabilidade da nossa mortalidade. Nós estamos traumatizados pela morte” e isso se deu em decorrência do “fato de que por milhões de anos nós não fomos capazes de nada fazer a respeito da morte, nos tornando fatalistas e desamparados” e mesmo acreditando que “nem mesmo merecemos viver para sempre”. (2011, p. 14, versão Epub, tradução nossa). Como destaca FM,

Você já viu programas de televisão de animais na selva? Um predador faz uma perseguição e centenas de zebras se chocam em todas as direções. Em pouco tempo uma das zebras é derrubada. Enquanto o predador imobiliza e mata a presa, as outras zebras ficam paradas e observam. Eles apenas ficam em pé e observam. Vendo esses espetáculos, não posso deixar de pensar - por que esses animais não se unem e afugentam o predador? Centenas de zebras que colaboram podem até mesmo resistir a um bando de predadores. Mas não. Elas passam pelo mesmo espetáculo sangrento centenas de vezes e nunca ocorre, para elas, se unirem e se protegerem. Que estúpidas! Como são programadas! Como são traumatizadas! Mas pense nisso - somos diferentes? Ficamos parados como zebras idiotas e observamos dia após dia nossos companheiros humanos morrerem ao nosso redor. Nós até esperamos humildemente pela nossa vez de morrer. Se não fôssemos tão traumatizados pela morte, deixaríamos imediatamente de lado tudo e mobilizaríamos nossos recursos prodigiosos para subjugar a morte do predador. Se você sucumbisse a uma doença grave ou lesão, você simplesmente se deitaria e esperaria a morte ou faria tudo ao seu alcance para se recuperar? (2011, p.15, tradução nossa)¹⁶

¹⁶ *Have you seen television programs of animals in the wilderness? A predator gives chase and hundreds of zebras bolt in all directions. Soon one of the zebras is brought down. As the predator immobilizes and kills its prey the other zebras stand around and watch. They just stand around and watch. Seeing such*

Consoante FM, a morte deve ser a prioridade suprema para a resolução dos problemas sociais. Pois, questiona ele, como podemos nós, que abominamos a opressão social e política, aceitar a morte, a mais brutal e básica das opressões? Como podemos, acrescenta, nós que lutamos tão veementemente pela igualdade de gêneros e os direitos humanos, aceitar a morte, a violação suprema dos Direitos Humanos¹⁷? Engajarmo-nos por direitos sócio-políticos defronte a inescapável sina da morte é como debatermos visceralmente sobre tais direitos enquanto caminhamos por um curto caminho em direção a uma câmara de gás em Auschwitz, razão pela qual, asserta o filósofo, todos os demais problemas humanos são derivativos da morte (2011, p. 16, versão Epub). Como ele salienta exaustivamente, precisamos promover a consciência da preciosidade da vida, pois, mesmo a perda de uma única vida humana se trata de uma tragédia colossal. Tudo o que fizemos e fazemos até hoje, para anestesiar o terror pelo definhamento, foi criar mundos supraterrâneos, paraísos, lugares onde a felicidade última reina perpetuamente ou ainda reencarnações garantidoras de uma segunda chance, ou múltiplas. Mundos transcendentais em detrimento da concretude da vida na imanência (2011, p. 16).

Estas proposições podem soar bastante curiosas, sobretudo para os não familiarizados com o assunto. Não discutiremos aqui a plausibilidade da concretização da extensão indefinida da vida, dado o esforço tremendo para trazer à tona os avanços científicos. Ao contrário, vamos supor que isto já esteja disponível e ainda de maneira democrática, acessível a todos que assim desejarem. Tentemos reduzir aqui a cadeia incomensurável de efeitos advindos da longevidade. Queremos investigar apenas a legitimidade ética da longevidade diante do pensamento que é, talvez, a culminância da busca pela vida feliz no comedimento. Impactos econômicos, e demais adversidades, tentaremos resolver em outros trabalhos. Vamos agora ao Jardim de Epicuro.

spectacles I cannot help thinking – why don't these animals band together and chase away the predator? Hundreds of zebras collaborating could even stand off a pack of predators. But they don't. They go through the same gory spectacle hundreds of times and it never occurs to them to band together and protect themselves. How dumb. How programmed. How traumatized. But think of it – are we any different? We stand around like dumb zebras and watch as day after day fellow humans die all around us. We even wait meekly for our own turn to die. If we were not all so traumatized by death we would immediately put aside everything and mobilize our prodigious resources to subdue the predator death. If you succumbed to a serious illness or injury would you just lie back and wait for death or would you do everything in your power to recover?

¹⁷ A proposição “a aceitação da morte é uma violação suprema dos Direitos Humanos” não é sustentada com o vigor necessário por FM-2030 nas obras consultadas. Pretendemos investigar em outras obras do autor se há mais algum esforço para justificá-la satisfatoriamente. Isto será alvo de futuros trabalhos.

Epicuro

Faremos agora um salto temporal. Da discussão sobre o futuro da humanidade à sabedoria da filosofia helenística, mais precisamente de Epicuro. O filósofo do prazer, representa o comedimento supremo em concernência a como saber viver uma vida que vale a pena ser vivida. Vida simples, bucólica, autárquica, portanto, sábia. Filosofia, para ele, é o conhecimento proporcionador de uma vida equilibrada, livre e feliz. É, portanto, um saber prático. Segundo seu pensamento, o bem supremo é a vida feliz (*makárioszèn*), o equilíbrio máximo da vida (*autárkeia*), ou seja, a busca por uma “conduta na qual a ação fundada na compreensão da natureza supera a reação que tem por base o constante desgaste do indivíduo, que perdeu o domínio de si” e, em consequência disso, “vive a impossibilidade de criar o seu modo de vida segundo o que é natural e necessário” (Silva, 2003, p. 17). A felicidade coincide com o prazer. O prazer que implica no bem coincide com o comedimento da ação. Prazer pelo equilíbrio, pela mensuração daquilo que nos é natural e necessário para a sobrevivência. Como nos ensina Epicuro, “o prazer é o princípio e o fim da vida feliz. O prazer é o nosso bem primordial e congênito e, partindo dele, movendo-nos para qualquer escolha e rejeição, e a ele voltamos usando como critério de discriminação de todos os bens as sensações de prazer e de dor” (DL, X, 129).

Epicuro divide os desejos, isto é, o sentimento de falta, em três categorias básicas: os naturais e necessários, inatos e que traduzem os apetites que correspondem ao básico para a sobrevivência, como dormir, beber e comer; os naturais e não necessários, também inatos e que indicam a busca pela variação, no que concerne ao suprimento do básico, como desejar comer algo um pouco mais saboroso em algumas circunstâncias; e os não naturais e não necessários, criados pelos circuitos de socialização e incorporados pelas pessoas, evocando a pulsão pela riqueza, reconhecimento, produzindo a ganância, a inveja, a arrogância, a megalomania e toda desmesura. Epicuro nos ensina que o sábio, por meio do *logismós* – cálculo, ato de pensamento ou operação do pensamento¹⁸ - e a *phrónesis* – o uso prático da sabedoria¹⁹ – deve trilhar sua trajetória existencial em consonância aos desejos naturais e necessários e, mesmo os não necessários são legítimos, contanto que condicionados

¹⁸ Como prefere traduzir Silva, 2003, p. 72.

¹⁹ Ibid.

pelo comedimento, mas de modo algum devemos atender aos não naturais e não necessários. Os não naturais e não necessários só podem conduzir ao definhamento existencial uma vez que, além de não atenderem as reais demandas de nosso corpo, podem tornar-nos incapazes do contentamento com o básico, com o pouco, com o simples. Como destaca

Para alcançar a "aponia" basta aplacar a dor presente: portanto, o desejo natural e necessário tem limites traçados precisamente da própria natureza e que coincidem com a eliminação da dor; pelo contrário, desejos que não são nem naturais nem necessários, uma vez que não visam a silenciar uma condição de sofrimento físico, são ilimitados, podem estender-se ao infinito, levando o homem a mergulhar num abismo de sofrimento novo e atormentador. (Fusaro, 2006, não paginado, tradução nossa)²⁰.

Não só na nossa sociedade do hiperconsumo, mas também na Grécia dominada pelo império macedônico o qual Epicuro presenciou, a enfermidade da insatisfação e dos desejos incabíveis e incessantes são perpetuamente epidêmicos. O ser humano, ao perder sua relação com a natureza, se vê acometido pela incapacidade de se alegrar. De perceber que num jantar o que mais vale é a companhia e não o alimento.

Epicuro estabelece o conhecimento da natureza, *physiología*, como fundamento para a ética. Noutras palavras, seremos mais capazes de pensar a própria vida (o microcosmo) na medida em que conhecermos melhor a natureza (o macrocosmo). Assim, temos como corolário a ideia de que, a claudicância existencial advém da ignorância no tocante a *phýsis*. Segundo Epicuro, esta ignorância gera amedrontamento, temores que degeneram as condições para uma boa vida, a vida na *ataraxia* (imperturbabilidade da alma). Feito o diagnóstico e o prognóstico, Epicuro oferece o tratamento: seu *tetraphármakon*, ou a terapia da alma. De maneira resumida, podemos por nos seguintes termos: (1) não devemos temer os deuses. Eles são imortais, livres e bem-aventurados. Vivem na absoluta *ataraxia* e não se importam conosco. Com este preceito, Epicuro funda uma espécie de agnosticismo, garantindo que possamos viver a vida seguindo nosso próprio caminho, nem dependendo da intervenção divina para o provimento, nem temendo o castigo celestial; (2) não devemos temer a morte pois,

²⁰ *Per raggiungere l'«aponia», basta placare il dolore presente: perciò il desiderio naturale e necessario ha confini tracciati con precisione dalla natura stessa e che coincidono con l'eliminazione del dolore; al contrario, i desideri non naturali né necessari, non essendo finalizzati a far tacere una condizione di sofferenza fisica, sono sconfinati, possono estendersi all'infinito, facendo precipitare l'uomo in un baratro di nuove, tormentose sofferenze.*

quando estamos ela não está, quando ela está não estamos mais. Jamais nos deparamos com a morte, sendo assim, não há razão para temê-la; (3) o prazer é de fácil aquisição. Para que tenhamos a plenitude do prazer sadio, basta que cessemos a dor. Conforme o filósofo, o prazer coincide com a ausência de dor, isto é, a calma de espírito, assim, só precisamos de prazer quando sofremos com sua falta; (4) a dor pode ser superada, se for crônica terá baixa intensidade e, por isso, poderá ser administrada. Se, pelo contrário, for aguda, será forçosamente de curta duração. E mesmo acometido pela dor, nos ensina Epicuro, podemos resgatar momentos alegradores no afã de administrar a aflição. O medo da morte, uma das preocupações de Epicuro, será o cerne de nossa discussão e, quiçá, o ponto de tangência com o pensamento transhumanista.

Epicuro e o Transhumanismo

O temor da morte é o propulsor da produção da esperança pela vida após a morte e da estagnação existencial. Ambos são letais para a vida boa, uma vez que ou inscrevem nossa vida na transcendência em detrimento da imanência, ou no desamparo frente a finitude. Como destacou Warren, temer a morte pressupõe diferentes situações, ou, posto de outra forma, temer a morte não se esgota na questão “é a morte ruim para a pessoa que morre?”. Nas suas palavras,

Ao perguntar se a morte é ruim para a pessoa que morre, ou se alguém é prejudicado pela morte, posso estar perguntando se alguém é prejudicado pelo processo de passar da vida para a morte. Ou eu poderia estar perguntando se alguém é prejudicado por estar morto - o estado que resulta após o processo de morrer. Ou eu poderia estar perguntando se alguém é prejudicado por ser mortal, por ser um organismo que irá morrer. Ou eu poderia estar perguntando se alguém é prejudicado por morrer neste momento em particular em sua vida, em vez de outro. (WARREN, 2003, p. 3, tradução nossa)²¹

Por conseguinte, Warren põe em rol quatro perguntas básicas constitutivas do conjunto ‘medo da morte’: (1) A morte é ruim para o morto; (2) é ruim para alguém que ele ou ela vá morrer?; (3) é ruim para alguém que ele ou ela morra mais cedo ou mais tarde?; e (4) é ruim para alguém ser submetido ao processo de passar de vivo para

²¹*By asking whether death is bad for the person who dies, or whether someone is harmed by dying, I might be asking if someone is harmed by the process of passing from life to death. Or I might be asking whether someone is harmed by being dead—the state which results after the process of dying. Or I might be asking if someone is harmed by being mortal, by being an organism which will die. Or I might be asking if someone is harmed by dying at this particular point in his or her life rather than another.*

morto? Assim, elucida Warren, na medida em que nos concentramos nessas quatro questões, perceberemos a existência de quatro medos relacionados. Não obstante Epicuro tenha se dirigido à erradicação do medo da morte, ele, com efeito, não se debruçou “na questão de saber se a morte é um mal, mas isso é meramente uma questão de ênfase”. Deste modo, “se entendermos que o medo é uma emoção sentida em face de algum dano futuro, então fica claro que haverá um medo correspondente a cada uma das quatro perguntas acima”, a saber: (1) o medo de estar morto;(2) o medo de que alguém morra, que sua vida termine; (3) o medo da morte prematura; e(4) o medo do processo de morrer(2003, p. 3-4).O medo da morte é, portanto, múltiplo e inter-relacionado. Podemos ser acometidos multiplamente pelo medo da morte, seja o medo de estar morto, o medo de ser mortal, o medo de morrer cedo demais, medo do processo que culmina na morte ou ainda, de todos eles ou alguns. Segundo Warren, Epicuro e a tradição epicurista não ofereceram um único argumento ao medo da morte, pelo contrário, desferiram um argumento a cada variável possível. Contudo, não nos aprofundaremos nessa discussão aqui. Precisamos agora descobrir se, em conformidade ao pensamento de Epicuro haveria chancela no tocante a busca pela erradicação da morte proposta pelos Transhumanistas, em especial, por FM-2030.

Epicuro nos ensinou que é imprescindível, para que possamos viver bem, conhecermos a natureza, perscrutá-la. Diferentemente do pensamento estoico, Epicuro não confere à natureza um estatuto de sacralidade. Para ele, a natureza deve ser o fundamento do saber por sermos, nós mesmo, natureza. Átomos e vazio, tal como uma capivara, um tucunaré, um suco de manga, ou qualquer outra coisa do universo, constituídos por diversos tipos de átomos, mas ainda assim, átomos e vazio. Este conhecimento físico se deu por meio de um pensamento por similitude, por um golpe do pensamento, único recurso em seu tempo. Epicuro não foi um dogmático. Se tivesse vivido por mais tempo, teria, talvez, fundado sua ética na física e biologia moderna. Sendo assim, podemos dizer que – de modo anacrônico, obviamente – sua ética se baseia na física e biologia. A ética transhumanista se funda também nos avanços da ciência uma vez que suas proposições são alimentadas pelas descobertas científicas. Confrontemos agora o anseio transhumanista pelo prolongamento da vida com a teoria dos desejos de Epicuro.

Quando Epicuro afirma que não devemos temer a morte, ele o faz por se dar conta de que este temor pode comprometer a *ataraxia*, infligindo dor e fomentando um comportamento de esquiva frente a vida. Neste sentido, Epicuro afirma a vida, uma vez

que combater o temor da morte é salvaguardar as condições de subsistência. Mas, ele não afirma qualquer vida. A afirmação que faz é da vida boa, a vida feliz (*makárioszén*). Como vimos, a vida boa é a vida sem dor. Poderíamos dizer que, no pensamento de Epicuro, o prazer fundante é negativo, razão pela qual, ele deve ser somente o suprimento da falta, da dor, (sendo os prazeres positivos, que são mais intensos, naturais, mas não necessários ou nem naturais e nem necessários). Tendo isso posto, analisaremos o ideal transhumanistana tentativa de evidenciar se (1) de algum modo ele se caracterizaria como um desejo natural e (2) necessário. Como nos ensina o mestre:

O sábio não renuncia à vida nem teme a cessação da vida. Viver não o entedia, nem ele crê que a cessação da vida seja um mal. Damesma forma que não escolhe nos alimentos apenas e simplesmente a porção maior, e sim a mais agradável, o sábio procura aproveitar o tempo mais agradável, e não meramente o mais longo. E quem aconselha o jovem viver bem, e o velho morrer bem, fala insensatamente, não só porque a vida é desejável, mas também porque a meditação sobre uma vida bela coincide com a meditação de uma morte bela. (DL, X, 126).

Para Epicuro, o sábio não se entedia em função de sua capacidade de se alegrar com o pouco. O pouco é sempre abundante, fonte inesgotável de prazer. O sábio não teme a morte porquanto dela nos ser impositiva. Enquanto organismos nos desgastamos até sucumbirmos. Contudo, Epicuro não defende que assim deva ser. Não há, para ele, algo melhor que a vida. Não há uma teleologia, uma missão a ser cumprida, um projeto existencial, em suma, algo que se conclua após o término da vida. O motivo pelo qual vivemos é a própria vida. A parte boa em viver é a própria vida. Para o mestre, vivemos a vida por ela mesma. O que há é a natureza e infelizmente somos submissos a ela, em função da nossa insignificância em âmbito cósmico. Os deuses, por sua vez, são imortais, são plenamente bem-aventurados. São *autárkeiae ataraxia* absoluta. Temos eles como modelos. Ora, se temos eles como modelos, é porque temos que melhorar. E se eles são nossos parâmetros, é justamente porque Epicuro acreditava que deveríamos melhorar. O homem é uma instância em evolução. Sendo assim, quiçá Epicuro diria, ao contemplar os ideais transhumanistas: “- Isto não representa desmesura. Querer viver nos é visceral, é de nossa natureza e se obtivemos conhecimento o suficiente da *phýsis* para vivermos mais, pois então que vivamos, sempre lembrando dos caminhos do comedimento. E salientando que o sábio tem discernimento para viver o quanto desejar!” Somos frágeis e é natural temer a morte. Como vimos, todos temos uma

doença congênita. Tememos o fim da nossa vida, o fim da vida de quem amamos. Para nós, toda morte é prematura, pois há incomensuráveis possibilidades de vida e ver os dias terminando frente ao espelho produz em nós o medo do envelhecimento (portanto, os quatro medos que Warren elucidou). Tentar dissipar o medo de nosso fenecimento era tudo que Epicuro podia fazer. Ninguém quer morrer (em condições psicológicas “normais”). Portanto, nem Epicuro quereria. Talvez, se lhe perguntássemos se gostaria de ter mais momentos com seus amigos de jardim, Heródoto e Meneceu, com um bom cálice de vinho e um generoso pedaço de queijo, e sem seus cálculos renais, quiçá a resposta não fosse negativa. Com isso, talvez possamos concluir que o desejo pelo prolongamento da vida é, com efeito, natural. Uma objeção possível é a acusação de que a busca pelo prolongamento da vida traduz um descomedimento. Uma possível resposta a esta objeção seria: O prolongamento da vida ou o aumento na quantidade da vida não implica inexoravelmente na diminuição da qualidade, isto é, uma vida mais longa não faria do prazer algo de difícil aquisição. O prazer é de fácil aquisição, seja numa vida que dure 40 ou 500 anos. O desejo pelo prolongamento da vida é necessariamente de uma vida com saúde mental e física. Noutras palavras, termos uma vida boa não implica que ela seja curta. A melhor vida possível é, portanto, boa e longa. Epicuro sempre se preocupou com a saúde, e por isso podemos inferir que ele defenderia uma vida longa, desde que prazerosa.

Por outro lado, se a extensão indefinida da vida tem o caráter de um desejo, além de natural, necessário, é forçoso admitirmos que pode se tratar de uma situação aporética. Epicuro afirmou a vida, a boa vida, mas podemos inferir, a partir de suas elucubrações, que o sábio, pode, em conformidade ao seu discernimento, de alguma maneira, desejar não prolongá-la. Não obstante, diante da vastidão de possibilidades e caminhos frente à uma vida prolongada, momentos alegradores, prazeres e satisfações (nunca exacerbados), também é possível inferir que Epicuro julgaria insensato optar pela abreviação existencial – assim como ele já fazia em seus dias. Querer abreviar a vida aos 50 anos, considerando uma expectativa média de 80 anos, não seria aprovado por Epicuro, não porque temos de viver por algum motivo externo, mas porque viver é tudo o que podemos fazer e só na vida podemos ser felizes e bem-aventurados. Da mesma forma, querer abreviar a vida aos 250 anos diante de uma expectativa de 800 anos, nos parece, não seria sensato. O sábio não se entedia, nem frente a uma vida curta ou longa, pois há sempre uma infinidade de caminhos para nos enveredarmos. A morte não é nada para nós, por se tratar do nada. Não há porque desejar o nada. Se desejar

viver é um desejo natural e necessário, logo, viver mais, por mais tempo, também deve sê-lo. Contudo, não seremos categóricos. Deixemos esta questão inconclusa. Conseguimos, ao menos, defender que o desejo pelo prolongamento existencial se trata de um desejo natural, ainda que não seja necessário.

Conclusão

Tentamos aqui algo inusitado. Inusitado, mas de enorme relevância. A tecnologia tem evoluído exponencialmente. O homem tem se mantido estagnado irritantemente há milênios. Os mesmos problemas sociais, políticos, éticos entre outros, que Epicuro vivenciou se repetem no século XXI. O Transhumanismo, para além de FM-2030, busca evitar o uso irresponsável das novas tecnologias, e para isso conta com diversos autores que lhe dão fundamentação filosófica. Contudo, retomar os grandes mestres do pensamento para debater conosco os enroscos do mundo contemporâneo são triplamente benéfico: mostra como o pensamento de alguns pensadores são incrivelmente atuais; nos ajudam a considerar questões que, porventura, não tenhamos levantado; e fortalece a base filosófica do movimento.

Tentamos, neste artigo, mostrar que um movimento com olhos para o futuro pode ser fortalecido com o mestre Epicuro. Nos focamos em FM-2030 e sua discussão acerca da morte e a extensão indefinida da vida. Em contraste com Epicuro e sua teoria dos desejos, tentamos, de maneira razoável, mostrar que o filósofo chancelaria uma vida longa, contanto que seja fundamentada na sabedoria do prazer comedido, “pois nada é suficiente para quem o suficiente é pouco”.

Referências

- ANTONIO, K.F. *Transhumanismo e suas oscilações Prometeico-fáusticas: Tecnoapoteose na era da Tecnociência Demiúrgica*, PPGFIL/UFRN, 2018.
- BOSTROM, N. *A history of transhumanist thought*. Journal of Evolution and Technology 14 (1), 2005.
- DEWITT, N. W. *Epicurus and his Philosophy*. University of Minnesota Press: Minneapolis, 1954.
- EPICURO. *Obras completas*. 2. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.
- ESFANDIARY, F. M. *Optimism one; the emerging radicalism*. New York: Norton, 1970.
- _____. *Up-Wingers: A Futurist Manifesto*, E-Reads, 1973.
- FERRY, L. *La Revolution Transhumaniste: Comment la technomédecine et l'uberisation du monde vont bouleverser nos vies*. Éditions Plon, version Epub, 2016.
- FM-2030. *Are you a transhuman? Monitoring and stimulating your personal rate of growth in a rapidly changing world*. New York, NY: Warner Books, 1989.

- _____. *Countdown to Imortality*. The Amagansett Press Drawer: Amagansett-New York, 2011.
- FUSARO, Diego. *La farmacia di epicuro: la filosofia come terapia dell'anima*. Il prato: _____, 2006.
- HOTTOIS, G. *Humanisme, transhumanisme, posthumanisme*. Revista Colombiana de Bioética, vol. 8, núm. 2, pp. 140-166. 2013.
- HUGHES, J. *The Politics of Transhumanism*. Annual Meeting of the Society for Social Studies of Science, Cambridge, MA. 2001.
- _____. *Democratic Transhumanism 2.0*. Transhumanity. 2002.
(<http://www.changesurfer.com/Acad/DemocraticTranshumanism.htm>)
- HUXLEY, Thomas Henry. *Evolution and ethics*. Cambridge University Press. 2009.
- LAÊRTIOS, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2. ed. Brasília: Editora UNB, 1987.
- LONG, A. A. *From Epicurus to Epictetus: Studies in Hellenistic and Roman Philosophy*, Clarendon Press: Oxford, 2006.
- NAHRA, Cinara; OLIVEIRA, Anselmo. (eds); *Aperfeiçoamento Moral: Moral Enhancement*. Natal: Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2012.
- RANISCH, R; SORGNER, S. Lorenz. (eds.): *Post- and Transhumanism: an introduction*. Beyond Humanism: Trans- and PostHumanism/ Jenseits des Humanismus: Trans- und PostHumanismus. Edited by / Herausgegeben von Stefan Lorenz Sorgner. Vol. 1. Peter Lang Edition, 2014.
- RÜDIGER, F. *Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia e criticismo*. Porto Alegre: EDIPURS, 2008.
- SILVA, M. F. *Epicuro: sabedoria e jardim*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2003.
- SIRIUS, R.U., CORNELL, J. *Transcendence: The Disinformation encyclopedia of Transhumanism and the Singularity*. Red Wheel/Weiser, LLC, 2015.
- WARREN, J. *Facing Death: Epicurus and his Critics*. Clarendon press: Oxford, 2006.

Recebido em: 24/03/2019
Aprovado em: 02/05/2020